

LETRAMENTO E INCLUSÃO DIGITAL: A INFLUÊNCIA DA INTERNET NA CONSTRUÇÃO DOS HÁBITOS DE LEITURA DE ALUNOS DE EJA

LUIZ MIGUEL MARTINS GARCIA*

RESUMO: Os recentes desenvolvimentos tecnológicos têm permitido profundas transformações no ambiente social. Atualmente algumas cidades disponibilizam internet gratuita à população, o que amplia significativamente a acessibilidade a esta tecnologia. Este artigo é o resultado de uma pesquisa do tipo exploratória que analisa a influência da internet na construção dos hábitos leitores de estudantes da Educação de Jovens e Adultos do município de Sud Mennucci, a primeira cidade brasileira a disponibilizar tal recurso. O artigo aborda ainda aspectos relativos ao Letramento e Inclusão Digital.

Até o dia 29 de janeiro de 2005 Sud Mennucci-SP era mais uma das centenas, senão milhares, pequeníssimas cidades brasileiras por ser descoberta nesta terra de Cabral. Com aproximadamente 7.500 habitantes, uma economia baseada na agroindústria sucroalcooleira, Internet gratuita à população e algumas outras peculiaridades. Mas na manhã do dia 30/01/2005, um domingo provavelmente de sol, esta realidade começou a mudar.

Na sua coluna dominical, no jornal Folha de São Paulo, o jornalista Elio Gaspari publicou uma matéria com o título *“Uma história brasileira de sucesso”*. O texto falava desta cidade, dista 640 quilômetros da capital paulista, e de sua peculiaridade: fornecer sinal de Internet em banda larga – de alto desempenho – gratuitamente à população. Mas toda cidade, pequena ou grande, tem suas peculiaridades e é através dela que constrói, muitas vezes, a sua identidade. E a pequenina Sud Mennucci, segundo Gaspari (2005), era, naquele momento, “uma das poucas cidades do mundo onde os habitantes têm acesso gratuito, veloz e ilimitado à Internet”.

Tudo começou em um bom exemplo de parceria público privada. Uma grande empresa situada à zona rural, tinha a necessidade de fornecer sinal de Internet com qualidade para seus funcionários que moravam na cidade. O acesso local da época foi considerado por Gaspari (2005) como lixo da Internet, pois além de ser conexão discada o número era interurbano. A empresa firmou parceria com a Prefeitura Municipal, doando equipamentos e o know how inicial, e esta ficou responsável pelos custos do link, pela manutenção e desenvolvimento do sistema, podendo expandir os serviços para a comunidade. Atualmente grande parte das residências de Sud Mennucci tem Internet de alta qualidade, sem custo fixo mensal, e ainda há disponibilidades de pontos de acesso - àqueles que não possuem computador em casa – na biblioteca pública municipal e nos laboratórios

* Professor e Coordenador do Curso de Letras das FIPAR – Faculdades Integradas de Paranaíba – MS.
E-mail: prof_luizmiguel@yahoo.com.br

de informática das unidades escolares que são disponibilizados à população nos finais de semana.

Menos de um mês depois na edição de 21/02/2005 o jornal O Estado de São Paulo dedicou amplo espaço em seu caderno especial de informática, denominado Link, ao caso de Sud Mennucci. A matéria principal foi denominada *“Um cantinho Wi-Fi no interior de SP”*. Após estas publicações multiplicaram os contatos da imprensa escrita, falada e, principalmente, de sites e publicações especializadas em tecnologia e internet. Por outro lado, muitas prefeituras, e até mesmo empresas, buscaram informações, e o pequeno município passou a ser um referencial de inclusão digital no país. Isso fica evidente no comentário de Tamanaha (2007), no site Yahoo!Tecnologia, ao referir-se à oferta de conexão à Internet por parte de prefeituras dizendo que *“No Brasil talvez o exemplo mais famoso seja o de Sud Mennucci, no interior de São Paulo”*. Apesar de o serviço existir desde 2002, somente com a projeção nacional o município sentiu, de fato, o impacto da tecnologia que ajudou a desenvolver e popularizar.

O primeiro impacto foi de caráter bastante subjetivo: a auto-estima da comunidade ganhou reforço considerável. Na seqüência o poder público viabilizou um convênio com a Escola Técnica Estadual “Paula Souza” trazendo para o município uma classe descentralizada de um Curso Técnico em Informática e outra de Técnico em Açúcar e Alcool. A repercussão e a disponibilidade universal do sinal wi-fi foi decisiva na negociação do convênio, que passou a beneficiar centenas de estudantes, a sua maioria egressos ou concluintes do ensino médio.

A inclusão do uso de computadores e de ferramentas da Internet nas escolas adiantaram e universalizaram entre as crianças e jovens práticas comuns entre os incluídos digitalmente, como a troca de mensagens eletrônicas, consultas, pesquisas, compras e entretenimento *online*.

Outro grande feito aconteceu em um concorrido concurso promovido pelo Citibank em parceria com a ONG americana Junior Achievement, chamado Bancos em Ação. O jornal Folha de São Paulo, destaca como título de matéria *“Pioneira em inclusão digital, Sud Mennucci domina torneio de alunos”*, na qual aponta como a inclusão digital pode mudar a vida dos jovens. Mesmo sendo uma cidade de apenas 7500 habitantes, Sud Mennucci foi destaque, como mostrou Leite (2005): *“A cidade classificou seis equipes na fase semifinal de um torneio no qual participaram alunos do Brasil todo, inclusive de escolas particulares. O Rio de Janeiro, por exemplo, contava com apenas quatro grupos nessa etapa”*. Destas seis, três equipes foram para a final, tornando-se o maior número de equipes de um mesmo município na final do torneio.

Diante deste quadro algumas perguntas surgem com naturalidade para os profissionais e pesquisadores da linguagem: Qual é a dimensão do impacto causado na sociedade pela inclusão digital dos cidadãos no que diz respeito ao letramento? Qual é a influência que a disponibilização e o uso da Internet tem na formação dos hábitos leitores dos cidadãos?

Como esta pesquisa é do tipo exploratória, objetivando o conhecimento genérico e introdutório que permitam aprofundamentos futuros, um novo desafio foi

lançado: como estabelecer critérios para tais análises? Como medir a influência da Internet na formação de hábitos leitores dos inúmeros segmentos e estratos sociais?

Diante da necessidade de delimitar a pesquisa, para assim viabilizá-la, era necessário encontrar um grupo na sociedade local que pudesse ser representativo. Seria necessário identificar seus hábitos de leitura atuais, desenvolver ações inclusivas e verificar o comportamento no decorrer e após estas ações.

Estas exigências conduziu à escolha de alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA – como os mais próximos do ideal de pesquisa. A saber, estão em processo de aquisição da leitura e da escrita e o fazem juntamente com o desafio de também serem incluídos digitalmente. Se por um lado têm a complexidade de inicialmente estarem duplamente excluídos – do letramento convencional e do digital – por outro têm o privilégio de poderem dar um salto ainda maior: romperem com o atual paradigma do analfabetismo para o da inclusão digital.

Um desejo que emerge num tempo especial

Há, certamente, muitos momentos na vida de qualquer pessoa que são especiais, alguns verdadeiramente fora do comum, mas raramente capta-se com eficiência e profundidade destes momentos. Viver em uma comunidade simples, de linguagem previsível e hábitos arraigados pode causar a surpresa de ver, em pouco tempo, uma transformação latente no ar. A chegada e a popularização da Internet em Sud Mennucci tem provocado esse efeito surpreendente: são *neologismos ciberespaciais*, encontros virtuais, linguagem econômica e o rompimento com os limites de tempo e espaço.

Diante deste fenômeno dos tempos atuais Soares (2002, p.146) diz que *“estamos vivendo, hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a web), a Internet”*. Este comentário fez perceber o turbilhão de transformações que está ocorrendo a cada segundo nesta pequenina cidade do interior e em seus hábitos; o que provavelmente pode estar acontecendo com inúmeras outras comunidades em situação semelhante.

E sobre este momento especial presente Soares (2002, p.146) faz outro comentário que serviu como elemento motivador para esta pesquisa: *“É, assim, um momento privilegiado para, na ocasião, mesma em que essas novas práticas de leitura e de escrita estão sendo introduzidas, captar o estado ou condição que estão instituindo: um momento privilegiado para identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais, o letramento na cibercultura, conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas, o letramento na cultura do papel.”*

Analisar o impacto da Internet nos hábitos de leitura de alunos da EJA é uma forma de iniciar uma discussão maior que implica no letramento digital. Este processo em andamento na cibercultura pode ser um orientador para uma

compreensão mais aprofundada do próprio conceito amplo e irrestrito de letramento na *cultura do papel*. Soares (2002, p.145) diz ainda que “o núcleo do conceito de letramento são as práticas sociais de leitura e de escrita, para além da aquisição do sistema de escrita, ou seja, para além da alfabetização”. E essas práticas começam a ficar evidente na comunidade de usuários cada vez mais familiarizados com a internet e os conceitos do chamado mundo virtual, capazes inclusive de transformarem hábitos sociais bastante sólidos como a substituição da carta pela sua versão eletrônica, o e-mail.

Se pensarmos o letramento, como defende Soares (2002, p.145), não como práticas de leitura e escrita e sim como “o estado ou condição de quem exerce práticas sociais de leitura e escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação”, veremos que uma sociedade que incorpora ferramentas do ciberespaço em seu cotidiano caminha a passos largos para o que poderemos chamar de inclusão digital e para a construção de uma identidade cibercultural. Resta saber como e em que proporção esse fenômeno envolve os diversos segmentos e estratos sociais. Para isso este estudo, que deve ser muito mais amplo no futuro, inicia suas análises por um estrato social nem sempre lembrado quando o assunto é tecnologia de última geração: cidadãos adultos em processo de alfabetização e inclusão pela educação.

Letramento Digital x Cidade Digital x Letramentos

A cidade de Sud Mennucci-SP em seu site oficial (www.sudmennucci.sp.org.br) intitula-se “Cidade Digital” embasada em seu pioneirismo na oferta gratuita de Internet a toda a população. No entanto tal alcunha leva a uma reflexão mais profunda: não é possível imaginar uma cidade digital se a população não passar por um processo de *Letramento Digital*. É preciso que mais que um recurso disponível a disponibilidade de tal tecnologia implique em transformação no estado e nas condições de quem exerce práticas de escrita e de leitura neste ambiente. Para tanto é preciso promover a inclusão dos cidadãos, como já dissemos neste texto, no mundo da leitura e da escrita e também no mundo digital.

Grande parte dos esforços têm sido direcionados no desafio de levar às crianças e jovens estes conhecimentos e habilidades, como destaca XAVIER dizendo que “letrar digitalmente uma nova geração de aprendizes, crianças e adolescentes que estão crescendo e vivenciando os avanços das tecnologias de informação e comunicação” é o mais recente desafio pedagógico que se coloca a educadores e lingüistas.

Mas a sociedade não pode esperar, depender exclusivamente dos jovens letrados digitalmente e, muito menos, ignorar o adulto – letrado ou não – em seu processo de desenvolvimento. Este contexto mostra o desafio muito maior que a ponta aparente deste iceberg cibercultural: é preciso trazer à tona grande parte

desse contingente social que se afoga e congela nas profundezas desse oceano de informações virtuais ou reais.

A preocupação pelo letramento, inclusive digital, deve ser de toda a sociedade, de educadores e governantes, de voluntários e de profissionais. O que está em jogo é o desenvolvimento de toda a humanidade. Kleiman (2001) aponta, em estudos encomendados pela Unesco que *“A maioria dos governos concordaria hoje que a falta do domínio da leitura e da escrita – bem como o uso precário dessas capacidades – é um dos grandes problemas atuais, fazendo parte da lista de questões a serem resolvidas em todos os países, independente de seu nível de industrialização”*.

Quando, por volta de 2002, Xavier destacou que o letramento digital *“se realiza pelo uso intenso das novas tecnologias de informação e comunicação e pela aquisição e domínio dos vários gêneros digitais”* tratou-o mais como prática que como estado ou condição de exercícios de práticas de leitura e escrita. Eram momentos iniciais da discussão no assunto. Já alguns anos depois, Buzato (2006) define o termo no plural, da seguinte forma: *“Letramentos digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente.”*

Podemos perceber que tanto a abordagem inicial, dada por Xavier, quanto a de Buzato já podem ser reelaboradas, no sentido óbvio de complementar e evoluir a discussão, com base na observação do comportamento social de habitantes em áreas de ampla oferta de tecnologia digital. Primeiramente é preciso aceitar, e isso não é difícil e nem contestável, que a troca de mensagens eletrônicas constitui uma nova – ou pelo menos “repaginada” – forma de comunicação que lança mão da leitura e da escrita como ferramentas fundamentais para sua realização. O uso freqüente de ferramentas como estas, ou a prática de pesquisa na rede mundial de computadores, desenvolve novos comportamentos que vão sendo assimilados por um número cada vez maior de cidadãos. Com a disponibilidade das ferramentas de pesquisa e comunicação o seu uso torna-se mais que um recurso, torna-se um processo natural, intuitivo até.

Isso permite inferir que o Letramento Digital – em sua forma singular ou plural – remete a práticas de escrita e leituras que são, de fato, incorporadas ao cotidiano dos usuários. Dessa forma deixam de ser práticas e passam a ser, realmente, um *estado* ou uma *condição*, inicialmente individual e posteriormente coletiva, dependendo da abrangência da oferta e do uso da tecnologia. Soares (2002, p.151) afirma que *“a tela[†] como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento”*.

[†] Tela do Computador (Nota do autor deste artigo).

Se considerarmos a natureza contextual do letramento torna-se bastante aceitável a expressão *Letramentos Digitais*, referindo-se sempre ao conceito defendido por Soares (2002, p.153) como um “estado ou condição de quem participa de eventos em que tem papel fundamental a escrita”. A autora defende ainda “o uso do plural letramentos para enfatizar a idéia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos”.

A inclusão digital

A temática da inclusão digital tornou-se preocupação de diferentes áreas do conhecimento, bem como de diversas instituições tanto da esfera pública quanto da privada ou do terceiro setor. Esta pesquisa, do tipo exploratória, se aterá mais especificamente nos aspectos educacionais relativos ao tema.

Uma publicação resultante da união dos setores público, privado e do acadêmico, capitaneado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, foi o *Livro Verde da sociedade da informação*, disponibilizado em 2000 pelo programa Socinfo. Neste material há a relação entre o conceito de inclusão social e de alfabetização digital. De acordo com Silva (2005, p.33) “a proposta de universalização de serviços, constante do Livro Verde, traz como inerente ao conceito de inclusão digital não só a aquisição de habilidades básicas para o uso de computadores e da Internet, mas também a capacitação para utilização dessas mídias em favor dos interesses e necessidades individuais e comunitários, com responsabilidade e sendo de cidadania”.

Trazendo para a discussão lingüística podemos perceber que se trata claramente de uma proposta que exige mais que a disponibilização de equipamentos ou o aprendizado do uso, trata-se da necessidade do letramento digital. O que permite dizer que não haverá inclusão digital de fato e de direito sem a o letramento digital.

Isso demonstra que o desafio educacional é maior que o material, o que fica evidente no comentário de Bonilla (apud. Silva, 2005, p.33): “Dessa forma, fica claro que a inclusão digital não é uma simples questão que se resolve comprando computadores para a população de baixa renda e ensinando as pessoas a utilizar este ou aquele software. Ter ou não acesso à infra-estrutura tecnológica é apenas um dos fatores que influenciam na inclusão/exclusão digital, mas não é o único, nem o mais relevante”. Por isso torna-se emergencial e relevante trazer essa discussão para a educação de jovens e adultos – EJA. Estes cidadãos já “perderam” muito tempo se comparados às crianças e jovens, e faz-se necessário identificar como reagem diante desta tecnologia e como têm suas vidas influenciadas pelo letramento digital.

Silva (2005, p.35) afirma conclusivamente que a “inclusão digital encerra um complexo inter-relacionamento de conceitos e tem como ponto central a **educação**

para a informação ou *informacion literacy education*". Dada a complexidade esta pesquisa inicia-se pela análise da leitura de cidadãos incluídos digitalmente e do confronto futuro com os que permanecem alheios a estes recursos tecnológicos.

A leitura como um termômetro

A verificação dos hábitos de leitura como primeiro instrumento de medida da influência da Internet na vida dos alunos do EJA deu-se pela liberdade de escolha que este ambiente concede ao usuário. Uma vez estabelecidas as condições materiais, tecnológicas e educativas de acesso, o leitor poderá optar por quais caminhos tomar, bem como quais tipos de texto e assuntos mais o interessam.

A leitura passou, a partir dos últimos séculos, a gozar de prestígio social, manifestando o que Zilberman (1988, p.14) chama de *"índole emancipadora"* e *"o conhecimento vem a ser concebido como a ponte para a liberdade e para a ação libertadora"*. Afirmações dessa natureza são muito freqüentes entre os alunos da EJA, assunto que trataremos mais adiante. Dessa forma, há consciência mesmo entre os ainda não alfabetizados da importância dessa ferramenta para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Esta liberdade de escolha do que ler valoriza o universo cultural do cidadão e os seus interesses individuais, o que se torna um importante elemento para garantir a continuidade do processo de descoberta e gosto pela leitura. Afinal, de acordo com Zilberman (1988, p.21) *"já que a leitura é necessariamente uma descoberta de mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual, cumpre deixar tão-somente que este processo se viabilize na sua plenitude"*.

A construção de novos leitores passa pela liberdade de escolha e pela responsabilidade do ato de selecionar o que merece ou não ser lido. Ainda de acordo com Zilberman (1988, p.22) *"em decorrência de sua natureza, a leitura aponta a uma modalidade de experimentação do tempo e do espaço circundante que transcente sua função escolar"*. E, em tempos de Internet tal experimentação ganha um tempero ainda mais empolgante, que é o ciberespaço e o fluxo nada linear permitido através dos hipertextos, links e outros recursos que acabam por atribuir ao leitor uma forte dose de autoria do texto final.

Pretendemos, com essa prática não fazer do texto um pretexto para qualquer atividade, apenas observar os caminhos percorridos pelo leitor em sua descoberta, afinal Lajolo (1988, p.52) defende que *"o texto não é pretexto para nada"*, assumindo assim, *"com os alunos, perante o texto, uma perspectiva que o violente o menos possível"*.

Conscientes da necessidade e responsabilidade de acompanhar alunos da EJA pelo universo da descoberta da leitura sem, no entanto, conduzi-los a escolhas que não as suas, no tempo que ser fizer necessário ao processo é o grande desafio deste estudo e de tantos outros que envolvem as fascinantes questões da linguagem. Lajolo (1988, p.62) já alerta para o fato de que *"com a linguagem, não pode haver pressa"*, e que é fundamental o respeito a cada texto existente pois: *"Há o texto dos alunos, o nosso de professores e os textos alheios. Todos se tecem de*

palavras, todos têm seu ritmo. A relação entre eles é de diálogo: um provoca o outro, o significado de cada um desfia e refaz o significado seu e dos outros”.

Um grupo e sua história

Esta pesquisa, do tipo exploratório, faz parte de um projeto maior que se desenvolverá em três etapas: 1ª Etapa: Levantamento da situação inicial de leitura; 2ª Etapa: Desenvolvimento de Ações de Letramento e Inclusão Digital; 3ª Etapa: Medição da influência do processo de letramento e inclusão digital na formação de hábitos de leitura em alunos egressos da EJA.

Para isso faz-se necessário acompanhar um grupo de cidadãos durante o desenvolvimento destas etapas. Os escolhidos foram os alunos da EJA matriculados na Escola Municipal Vitor Padilha, em Sud Mennucci, e estão divididos em duas salas de aula: EJA I, com 16 pessoas, e EJA II, com 27. No grupo de EJA I predominam alunos entre 41 e 60 anos, e no EJA II estudantes entre 20 e 40 anos.

A idéia original de entrevistar todos os alunos foi substituída por um número em torno de 10% do total, como forma de construir um projeto piloto e, futuramente, expandir entrevistas e análises. Dessa forma, passaremos a tratar os dados como um todo, ou seja, um total de 43 alunos. Assim tivemos 53,4% dos alunos entre 20 e 40 anos de idade, 37,2% entre 40 e 60 e 9,3% com idade superior a 60 anos. Não ocorreu nenhum caso de jovens com menos de 20 anos. Notamos ainda que houve um equilíbrio no total entre homens e mulheres, com 48,8% de homens e 51,1% de mulheres, mas se considerarmos isoladamente o EJA I possui 75% de mulheres contra 25% de homens, e o EJA II 37% de mulheres contra 63% de homens.

Com o objetivo inicial de levantar as fontes de informação destes alunos e fazer inferências aos seus hábitos de leitura percebemos que a grande fonte de informação são os telejornais e a programação televisiva, havendo também referências aos rádios e, para os já leitores, jornais. Os familiares – marido, filhos, e parentes próximos – são as pessoas que os auxiliavam quando não sabiam ler, mas todos já lêem nomes, frases e até pequenos textos. Ficou evidente também a diferença do estágio de desenvoltura de cada um, afinal todos eles têm uma herança de aprendizagem e uma história de uso da linguagem mais ou menos restrito, grande parte já utilizava a leitura e a escrita no trabalho.

Todos os entrevistados – escolhidos aleatoriamente – mencionaram o computador como um instrumento capaz de trazer mais informações sobre a cidade e o país em que vivem. E alguns deles citaram, inclusive, a Internet como um recurso para tal. A maioria já utilizou a Internet em aulas, mas disseram que foram poucas e desejariam mais tempo para aprenderem melhor. Mas é unanimidade o intuito de aprenderem a usar este recurso com desenvoltura, sendo este o curso que a maioria gostaria de fazer neste momento.

Os hábitos de leitura verificados atualmente privilegiam os jornais, em sua maioria entregues gratuitamente nas residências, as apostilas e a Bíblia. Os alunos não apontam a Internet como uma fonte natural de informação e nem têm o hábito de buscá-las neste ambiente, o posto é imbativelmente da televisão. Também não é

costume destes estudantes a troca de e-mail, e não dominam este recurso. Não são usuários dos computadores disponíveis nos postos de inclusão disponível na cidade.

Conclusões

Analisando as práticas e os instrumentos de leitura, do texto e do mundo, como preconiza Paulo Freire, destes alunos da EJA foi perceptível que as novas tecnologias despertam curiosidade e funcionam como estímulos. A maior parte deles manifestou com espontaneidade o desejo de uso de tais recursos para a comunicação e entretenimento. Se por um lado são mais cautelosos que as crianças e adolescentes, por outro há interesse em conhecê-las para utilizá-las. Apesar de ser um universo pouco explorado, o ciberespaço é objeto de curiosidade e em nenhum caso percebeu-se aversão ou resistência.

Percebemos ainda que o desenvolvimento das habilidades e a exploração dos recursos da Internet e dos computadores foi prejudicado neste grupo pela inexistência de um programa de inclusão digital. As atividades limitaram-se a aulas ministradas de forma descontínua. Apesar destas iniciativas nem a escola e nem os professores promovem, ainda, o que Soares (2002, p.146) chama de “*Letramento na cibercultura*”, sendo esta reflexão necessária, bem como o embasamento dos profissionais da educação, conforme alerta Xavier.

O fato de haver disponibilidade de Internet gratuita foi citado como uma oportunidade. Isso reforça a sensação de que aparentemente as bases para o Letramento e a Inclusão Digital estão lançadas: há recursos de tecnologia da informação e há expectativas por parte da comunidade. Parece-nos necessário neste momento a inserção sistemática de ações educativas que transformem tais recursos em ações concretas. Isso corrobora Bonilla (apud. Silva, 2005) que afirma a inclusão digital não ser um simples questão que se resolve comprando computadores, certamente é mais que isso, é o resultado de um conjunto de ações conscientes e estruturadas. E Silva (2005, p.35) aponta como ponto central a **educação para a informação**, o que parece ser, no caso que estudamos, o diferencial para conduzir alunos bem intencionados e escola bem intencionada rumo à inclusão e ao letramento digital.

Dessa maneira o ciberespaço e a cibercultura deixarão de ser objetos de curiosidade e desejo e passarão a ser instrumentos para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da escrita plena, exigência deste tempo e, muito provavelmente, de todos os outros que aceleradamente se aproximam. Essa ação permitirá, certamente, o saboroso desarme de muitas armadilhas que o futuro nos reserva.

BIBLIOGRAFIA

ARIMA, Kátia. Um cantinho Wi-Fi no interior de SP. *O Estado de São Paulo*, 21 fev. 2005. Caderno Link. Disponível em http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=2828 Acessado em: 10/7/2007

BUZATO, Marcelo. Letramentos Digitais e Formação de Professores. Disponível em: http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/MarceloBuzato.pdf Acessado em 10/07/2007.

GASPARI, Elio. Uma história brasileira de sucesso. *Folha de São Paulo*, 30 jan. 2005. Caderno Brasil. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3001200526.htm> Acessado em: 10/7/2007

KLEIMAN, Angela B.. Programas de educação de jovens e adultos e pesquisa acadêmica: a contribuição dos estudos do letramento. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 27, n. 2, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 Maio 2007. Pré-publicação.

LAJOLO, Marisa. O texto não é Pretexto. In: ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1988. p.51-62.

LEITE, Janaína. Pioneira em inclusão digital Sud Menucci domina torneio de alunos. *Folha Online – Informática*, 29 out. 2005. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u19186.shtml> Acessado em 10/7/2007

TAMANAHHA, Wagner. Internet sem Fios nos Municípios. Disponível em <http://br.tecnologia.yahoo.com/escolhadoeditor/escolhadoeditor/43/internet-sem-fio-nos-m> Acessado em 10/7/2007

SILVA, Helena et al . Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 34, n. 1, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652005000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 Maio 2007. Pré-publicação.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 23, n. 81, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 Maio 2007. Pré-publicação.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Letramento Digital e Ensino. UFPE <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf> – Acessado em 10/07/2007

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: _____. *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1988. p.9-22.